



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE  
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA  
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

**ELINALDA GAMA DA SILVA**

**O USO DAS PLANTAS NA CAÇA E PESCA – A CULTURA MATERIAL DAS  
ANTIGAS ARMADILHAS INDÍGENAS E AS TECNOLOGIAS PERECÍVEIS NO  
BAIXO TAPAJÓS, POVO KUMARUARA**



**SANTARÉM - PA**

**2022**

**ELINALDA GAMA DA SILVA**

**O USO DAS PLANTAS NA CAÇA E PESCA – A CULTURA MATERIAL DAS  
ANTIGAS ARMADILHAS INDÍGENAS E AS TECNOLOGIAS PERECÍVEIS NO  
BAIXO TAPAJÓS, POVO KUMARUARA**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Programa de Antropologia e Arqueologia, para obtenção do grau de Bacharel em Arqueologia, Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade.

Orientadora: Dra. Gabriela Prestes Carneiro

**SANTARÉM - PA**

**2022**

**ELINADA GAMA DA SILVA**

**“O USO DAS PLANTAS NA CAÇA E PESCA – A CULTURA MATERIAL DAS ANTIGAS ARMADILHAS INDÍGENAS E AS TECNOLOGIAS PERECÍVEIS NO BAIXO TAPAJÓS, POVO KUMARUARA”.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Programa de Antropologia e Arqueologia, para obtenção do grau de Bacharelado em Arqueologia, Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade.

Conceito: **9,8**

Data de Aprovação: 03/06/2022



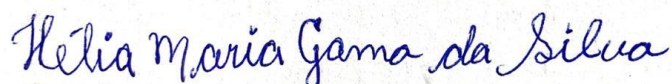
PRESIDENTE: Prof.<sup>a</sup> Dra. Gabriela Prestes Carneiro  
Universidade Federal do Oeste do Pará



AVALIADOR(A): Prof. Dr. Carlos Augusto da Silva  
Universidade Federal do Amazonas – UFAM



AVALIADOR(A): Ma. Márcia Vieira da Silva Kambeba  
Universidade Federal do Pará – UFPA



AVALIADOR(A): Prof.<sup>a</sup> Ma. Hélia Maria Gama da Silva Kumaruara  
Universidade Federal do Pará – UFPA

## **Agradecimentos**

Venho aqui agradecer aos parceiros que sempre estiveram presentes em minha trajetória acadêmica. Em primeiro lugar agradecer ao pai Tupã, que nunca me abandonou e sempre me deu forças para continuar meus estudos. Agradecer à minha mãe Lídia Gama, grande guerreira, que, a cada dia, me dava coragem para terminar o curso. Aos meus filhos, João Gabriel e Wendy Bianca. Eles são minha maior fortaleza e estão sempre me fortalecendo para não desistir de correr atrás dos meus sonhos. Aos meus irmãos: Ironildes Gama e Raimundo Gama, que se dedicaram a cuidar da mamãe para que eu terminasse de escrever esse trabalho. Muito obrigada irmãos.

Aos amigos do curso de Arqueologia, Jamile Porto, Helson Reis, Hugo Silva, Carlos Alves, Carlos Magno, Deise Corrêa, Indira Barbara, Carolina Wai Wai, Rafaela Pinto, Ylgner Rocha e Gelci Barbosa. Saibam que todos vocês contribuíram para minha formação. Quero agradecer também à minha amiga Adyla Valente pelas ilustrações. Muito obrigada amigas. E à minha amiga Lana Guimarães, que me ajudou com a formatação deste TCC. Quero agradecer em especial, ao eterno amigo Luiz Alexandre, nosso colega de curso que faleceu no início da pandemia da COVID-19. Ele sempre será lembrado por nós. Sua trajetória ao nosso lado foi curta, mas nos deixou grandes aprendizados. Ele foi um verdadeiro amigo, Luiz sempre será minha luz.

Quero agradecer aos mestres do curso de Arqueologia e a minha eterna gratidão pelo empenho e compromisso que eles têm com os alunos. Agradeço às profas. Myrtle Pearl Shock et Chieno Suemitsu pela identificação dos nomes científicos das plantas.

Quero agradecer os povos indígenas de todo o Brasil e em especial ao meu povo, o povo KUMARUARA, que continua resistindo para existir. Quero agradecer em especial aos meus interlocutores, Francisco Mendes, Maria Susete, Nicolau, Bibiano Rocha, Lídia Gama, que estiveram sempre disponíveis para ajudar a escrever esse trabalho repassando as informações e seus conhecimentos com o povo Kumaruara.

E, por fim, minha eterna gratidão a esta grande mulher, minha orientadora Gabriela, de muita coragem e sabedoria que não soltou minha mão e nunca desistiu de mim. Ela esteve sempre ao meu lado, mostrando o quanto merecemos ser respeitados e valorizados pelos nossos costumes e saberes tradicionais

## RESUMO

Minha pesquisa se dedica à cultura, usos e costumes de uso de plantas na medicina tradicional e nos rituais e práticas de caça e pesca em duas aldeias (Muruary e Solimões) do povo Kumaruara, que vive sobre a margem esquerda no Rio Tapajós. Dentro dos costumes antigos, essas práticas exigem que os caçadores buscassem e ainda buscam a pureza e limpeza do corpo através das plantas medicinais, que são cultivadas nos terreiros das pessoas ou são buscadas na floresta. Banhos e rituais fazem parte da vida de um caçador e são considerados sagrados. Para além do uso ritual, as plantas também são utilizadas nas armadilhas de caça e pesca, como na construção das “arapucas” e “tapagens”. Algumas dessas armadilhas já não são mais fabricadas e os gestos e materiais envolvidos nelas, que são tecnologias percíveis, foram documentadas neste trabalho. Essa pesquisa tem o objetivo de documentar o uso dessas plantas e fazer o registro da cultura material relacionado à caça e pesca, buscando encontrar pontes entre observações e relatos de interlocutores das aldeias Muruary e Solimões com o olhar arqueológico.

**Palavras-chave:** Materiais percíveis, Tecnologias percíveis, Arqueologia Indígena, Povo Kumaruara

## YATUKASÁ

Se sikarisá resé yasikári yané kitiwara resewá, mayetaa yakuá iwaita asuí pinaitikasá, asuí kamundusá mukui tendáwa upé: Murary, asuí Solimões. Aitekua Kumarawara tendáwaita. Se mirasá Kumaruwara tauvivéri Tapajós upé, kanhoto rimbíwa resé. Kuxiíma, yané sikwesá pupé, kamundusaraita taumukatúru tapira siya iwaita rupi. Yané mirasá taurasú runde kiti kwayé: ta iwaita tauyutima tauikú kupixáita upé, asuí kaaeté upé. Aitekuaita kamundusara taumuyasuka maye yané kuximawara yawe. Ta iwaita yausári yuiri yamunhã arama mã yaseruka waá "arapucas" asuí "tapagens" kariwa nheenga rupi. Yepe yepe titaumunhã mayé kuximawara yawe. Ape, aitekwa yepe yepe yambúri papera resé kwá sikarisá rupi, mã yaserukawa "tecnologias percíveis" kariwa nheenga rupi. Yawe waa rupi, se sikarisá umukatúru ana mayetaa yausári nhaa iwaita, asuí mayétaa yapiniaitika, asuí mayetaa yakamundú. Yamukatúru yané kitiwara arama, asendú siya miraita Murary wara, asuí Solimões waraita.

## ABSTRACT

My research studies the uses, and practices related to the use of plants in traditional medicine, rituals, hunting and fishing activities in two indigenous villages of the Kumaruara people, called Muruary and Solimões, both of which are located on the left bank of the Lower Tapajós River. In the past up until the present, ancient hunting and fishing activities practiced by the Kumaruara were related to a sequence of rituals intended to cleanse and purify the body of fishers and hunters. Plants comprise one of the main elements within these rituals. These plants are cultivated in home gardens or collected in the forest. Ritual baths and smoking are part of the hunter's life and are considered sacred by the Kumaruara people. Besides the ritual use, plants are also employed in hunting and fishing traps, such as *arapucas* (traps built to hunt mammals and birds) and fish weirs (*tapagens*). Although some of these traps are no longer used by the Kumaruara, some community elders still know which gestures and materials were used in relation to these technologies that engaged perishable materials. Gestures and technologies were documented have thus been documented by this research, which aims to identify plant species and their uses, and to record the material culture involved in hunting and fishing activities. The material culture and these technologies are interpreted through the prism of knowledgeable elders from the Muruary and Solimões communities, as well as through an archaeological perspective.

**Key-words:** Perishable materials, perishable technologies, Indigenous Archaeology, Kumaruara people.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>FIGURA 1-</b> (A) FOTOS DAS PÁGINAS DE CADERNO ONDE OS TEXTOS FORAM SENDO ESCRITOS AO LONGO DA PESQUISA E ENVIADOS PELO CELULAR PARA SEREM TRANSCRITOS. (B) A AUTORA ESCREVEU GRANDE PARTE NA ALDEIA MURUARY NO CADERNO NO MOMENTO DA PANDEMIA E OS TEXTOS FORAM DIGITADOS PELA ORIENTADORA.....	15
<b>FIGURA 2</b> - ÁREA DE ESTUDO COM A LOCALIZAÇÃO DA ALDEIA SOLIMÕES E MURUARY.....	16
<b>FIGURA 3</b> -MULHERES KUMARUARA EM ENCONTRO EM 2020 PARA A DEFESA DO TERRITÓRIO .....	17
<b>FIGURA 4</b> - HÉLIA KUMARUARA, MINHA IRMÃ E MULHER KUMARUARA.....	18
<b>FIGURA 5</b> - CASA KUMARUARA, ALDEIA MURUARY. ....	20
<b>FIGURA 6</b> - CASA DE FARINHA, ESPREMIENDO A MANDIOCA NO TIPITI. ....	20
<b>FIGURA 7</b> - PROCESSO DE FABRICAÇÃO DE FARINHA DE MANDIOCA. (A) DESCASCANDO EM GRUPO (B) AMASSANDO A MASSA.....	21
<b>FIGURA 8</b> - AS CERÂMICAS AFLORAM NO QUINTAL. ALDEIA MURUARY, AGOSTO DE 2021....	23
<b>FIGURA 9</b> - APÓS TER TIDO EXPERIÊNCIA DE CAMPO NA UNIVERSIDADE, COMO O VASO IA SE QUEBRAR SE FICASSE EXPOSTO, NÓS CONSEGUIMOS EVIDENCIAR E RESGATAR O VASO. ALDEIA MURUARY, AGOSTO DE 2021. ....	24
<b>FIGURA 10</b> - COLEÇÃO ARQUEOLÓGICA DE LUCAS RAMON ONDE SE OBSERVA CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS INDÍGENAS, MACHADOS, METAL (COLHER, LANÇAS, PARTES DE ESPADA, FACAS, ETC.). ESSE MATERIAL NUNCA FOI ESTUDADO. ....	24
<b>FIGURA 11</b> - LUCAS RAMON, INDÍGENA KUMARUARA, COM A COLEÇÃO DE MATERIAIS QUE COMEÇOU A COLECIONAR COM 8 ANOS. ....	25
<b>FIGURA 12</b> - A AUTORA COM AS PEÇAS ARQUEOLÓGICAS QUE CAEM DO BARRANCO DE TERRA PRETA.....	26
<b>FIGURA 13</b> - O TICOÃ (PIAYA MELANOGASTER) É UM ANIMAL MUITO IMPORTANTE E ENCANTADO PARA NÓS E TEM UM CANTO EM QUE ELE FALA CONOSCO. ....	29
<b>FIGURA 14</b> - PAJÉ MARIA SUSETE PREPARANDO OS MATERIAIS PARA O PREPARO DO CAÇADOR.....	32
<b>FIGURA 15</b> - AS PLANTAS UTILIZADAS NESSES PREPAROS SÃO RETIRADAS DO PRÓPRIO TERREIRO. NOTA-SE, NA FOTO, UMA TERRA PRETA QUE É PROVAVELMENTE INDICATIVA DE PRESENÇA DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO. ....	33
<b>FIGURA 16</b> - ALGUMAS DAS PLANTAS UTILIZADAS NA DEFUMAÇÃO SÃO A PIMENTA-MALAGUETA, A MUCURA-KAA, O PEÃO ROXO (JATROPHA SP.). ....	33

<b>FIGURA 17</b> - COLETA DO PEÃO-ROXO ( <i>JATROPHA SP.</i> ), QUE É UMA DAS PLANTAS UTILIZADAS NA DEFUMAÇÃO. ....	34
<b>FIGURA 18</b> - ALGUNS PEQUENOS LIMÕES PODEM SER UTILIZADOS PARA COMPLETAR A DEFUMAÇÃO. ....	34
<b>FIGURA 19</b> - AS PLANTAS SÃO MISTURADAS JUNTO AS BRASAS DE CARVÃO. ....	35
<b>FIGURA 20</b> - ESSA MISTURA É PASSADA NO CAÇADOR E NAS SUAS ARMAS. ....	35
<b>FIGURA 21</b> - ESSA MISTURA É PASSADA NO CAÇADOR E NAS SUAS ARMAS. ....	36
<b>FIGURA 22</b> - PAJÉ MARIA SUSETE ESTÁ FAZENDO A DEFUMAÇÃO TAMBÉM NAS COSTAS DO CAÇADOR. ....	36
<b>FIGURA 23</b> - FOTO DO LAGO DO ICY, ALDEIA SOLIMÕES. A TAPAGEM ERA COLOCADA DA PRAIA PARA A TERRA FIRME. ....	38
<b>FIGURA 24</b> - FOTO DAS CANOAS NO LUGAR ONDE ELAS FICAM GUARDADAS, CADA DONO SABE O LUGAR ONDE GUARDOU. LAGO DO ICY, ALDEIA SOLIMÕES. ....	39
<b>FIGURA 25</b> - (A)SR. FRANCISCO MENDES FAZENDO A RETIRADA DAS TALAS DO CURUÁ NA FLORESTA; (B) AMARRAÇÃO DAS TALAS PARA FAZER O PANO DE PARI COM CIPÓ TARACUÁ. (C)PANO DE PARI SENDO ENROLADO PARA SER LEVADO AO LAGO E (D) PANO DE PARI ANTES DE SER POSICIONADO NO LAGO .....	41
<b>FIGURA 26</b> - (A) DEMONSTRAÇÃO DE COMO O PANO DE PARI ERA POSICIONADO NO LAGO ENTRE AS ESTACAS (B) PANO DE PARI REPRODUZIDO PARA ESTE TRABALHO.....	42
<b>FIGURA 27</b> - ESSA ILUSTRAÇÃO FOI FEITA PELA COLEGA ADYLA VALENTE A PARTIR DOS MEUS RELATOS. ELA ILUSTRA A TAPAGEM NO MOMENTO QUE O PESCADOR A COLOCA NO LAGO. O PANO DO PARI ERA COLOCADO ATRAVESSANDO O LAGO DE UMA MARGEM A OUTRA PARA PODER REPRESAR OS PEIXES.....	43
<b>FIGURA 28</b> - CIPÓ TARACUÁ NA FLORESTA INUNDADA DO CARANAZAL (ALTER DO CHÃO). ..	44
<b>FIGURA 29</b> - SR. FRANCISCO MENDES REPRODUZINDO COMO ERA FEITA A PESCA COM A LANTERNA ANTIGAMENTE. ....	46
<b>FIGURA 30</b> - ANTIGA LANTERNA UTILIZADA NA PESCA. HOJE, ELAS FORAM SUBSTITUÍDAS PELAS LANTERNAS À PILHA OU RECARREGÁVEIS. ....	47
<b>FIGURA 31</b> - FUI JUNTO DO SR. BIBIANO PROCURAR A RAIZ DO TIMBÓ ( <i>DRACONTIUM GUIANENSIS</i> ) EM UMA ÁREA DE IGARAPÉ NA COLÔNIA DAS PEDREIRAS, VISTA ALEGRE DO CAPIXAUÃ, DENTRO DO TERRITÓRIO KUMARUARA. (A) A FOLHA DA RAIZ DO TIMBÓ (B) SR. BIBIANO ESTÁ FAZENDO A RETIRADA DA RAIZ .....	49

<b>FIGURA 32</b> - SR. BIBIANO VAI BATENDO NA RAIZ DO TIMBÓ, O LIQUIDO BRANCO É O VENENO UTILIZADO NA PESCA. ....	49
<b>FIGURA 33</b> - ESSA ILUSTRAÇÃO DA ADYLA VALENTE MOSTRA A PESCARIA DO TIMBÓ NO MOMENTO EM QUE OS PESCADORES COLETAM OS PEIXES MORTOS NO LAGO E OS COLOCAM EM PANEIROS OU CESTOS. ....	50
<b>FIGURA 34</b> - DONA LÍDIA GAMA DA SILVA, É MINHA MÃE E NA FOTO ESTÁ DESPOLPANDO CUPUAÇU A PARTIR DO TATO (PORQUE ELA NÃO ENXERGA MAIS) E FOI A ANCIÃ QUE REPASSOU OS CONHECIMENTOS SOBRE O TIMBÓ. ....	51
<b>FIGURA 35</b> - SR. FRANCISCO MENDES DECIDIU REPRODUZIR A ARAPUCA PARA ESTE TRABALHO. (A) O PRIMEIRO PASSO É MEDIR OS PAUS DA ARAPUCA, (B) SE FAZ UM TRAÇO PARA PODER ENCAIXAR O CIPÓ (NO DIA, COMO NÃO TÍNHAMOS CIPÓ, NÓS USAMOS O BARBANTE), (C) SE COMEÇA A MONTAR A ARAPUCA, (D) SE ESTRUTURA A PIRÂMIDE, DOS OS MAIORES PARA OS MENORES, (E) SE ERGUE A PIRÂMIDE, (F) SE AJUSTA DOS PAUS, (G) SE FAZ O ACABAMENTO, (H) ARAPUCA PRONTA. ....	54
<b>FIGURA 36</b> - ALIMENTOS COLOCADOS PARA ATRAIR AS AVES PARA A ARAPUCA (A) A PLANTA DO CULHÃO DE BODE (TABERNAEMONTANA HYSTRIX) (B) FRUTA DO CULHÃO DE BODE NA ÁRVORE (C) O FRUTO DO CULHÃO DE BODE, (D) A CURUEIRA, (E) O MILHO. ....	56
<b>FIGURA 37</b> - ESSA ILUSTRAÇÃO FEITA POR ÁDYLA VALENTE REPRESENTA A TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO DO PAI PARA O FILHO DE COMO FAZER A ARAPUCA. NELA, OBSERVAMOS O FILHO ATENTO À TECNOLOGIA DE CONSTRUÇÃO. ....	58
<b>FIGURA 38</b> - TIVE A OPORTUNIDADE DE CONHECER UMA MULHER ZOÉ, A TASSY, NO ENCONTRO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA REGINAL NORTE EM MANAUS EM 2018, COZINHAMOS JUNTAS NO LEITE DA CASTANHA E TROCAMOS SABERES (AINDA QUE NÃO FALÁSSEMOS A MESMA LÍNGUA). ....	60

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>1.HISTÓRIA DO POVO KUMARUARA</b> .....	<b>16</b>
1.1.História da Aldeia Muruary .....	17
1.2.História da Aldeia Solimões .....	21
<b>2.COMO É VIVER SOBRE UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO? COMO É VIVER SOBRE A TERRA PRETA?</b> .....	<b>22</b>
2.1.Introdução sobre à caça, à colheita de frutos e à floresta.....	27
2.2.Os encantados e a relação com os espíritos da floresta.....	28
2.3.Panema ou Panemice.....	30
<b>3.O USO DAS PLANTAS NOS BANHOS, DEFUMAÇÕES DA CAÇA E DA PESCA E OS PROCESSOS DE CURA</b> .....	<b>31</b>
3.1.Os banhos e defumações como parte do preparo para a caça e a pesca.31	
3.2. A cura que vem dos animais .....	37
<b>4.O USO DAS PLANTAS NAS DIFERENTES TÉCNICAS DE PESCA</b> .....	<b>38</b>
4.1. A tapagem .....	38
4.2 A pesca de facho, a piraqueira.....	45
4.3. A pesca de timbó e a pescaria da pindáua .....	48
<b>5.O USO DAS PLANTAS NA CAÇA E AS ARAPUCAS</b> .....	<b>53</b>
5.1.DISSCUSSÃO .....	59
Parte 1: Sobre as semelhanças e diferenças entre a panema para os Kumaruara e outros povos da Amazônia.....	59
Parte 2: Os banhos e defumações, semelhanças e diferenças entre a panema para os Kumaruara e outros povos da Amazônia .....	61
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>65</b>
<b>GLOSSÁRIO</b> .....	<b>66</b>
<b>ANEXO</b> .....	<b>67</b>

## INTRODUÇÃO

Sou Elinalda Gama da Silva, indígena do povo Kumaruara da Aldeia Muruary. Fui nascida e criada nesta aldeia, adquiri meus conhecimentos desde criança através da minha avó e dos meus pais. Esse conhecimento que eles repassaram permitiu minha entrada na universidade e entrada no curso de Arqueologia. O tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) surgiu quando eu fiz a disciplina de Zooarqueologia. Essa disciplina despertou em mim a motivação em escrever sobre nossas culturas, nossos modos de vida, saberes tradicionais. Em cada tema que estudávamos nós liamos muitas coisas produzidas pelos *kariuas* (brancos). Então, ao longo da universidade, crescia em mim a necessidade de escrever e poder documentar nossos conhecimentos. Mais a frente, eu espero que essa escrita possa servir para outros parentes. Eles irão saber que nós, os povos indígenas, escrevemos nossa história, e saberão, com nossas palavras, quem somos nós.

A Arqueologia tem um histórico de pesquisas que foca no uso das plantas e dos animais como parte da economia e da alimentação. No entanto, plantas e animais integram muitas outras esferas do cotidiano como o seu uso em materiais para construção, uso medicinal, usos rituais, entre tantas outras. Existe, por isso, uma carência de estudos que tratem da documentação da cultura material relacionada a caça e pesca no presente, tanto no que tange às tecnologias de construção e funcionamento das armadilhas de caça e pesca, quanto a materialidade que integra os rituais que da caça e pesca (Almeida et al., 2002; Figueiredo e Barros, 2015). As barragens e as armadilhas de caça (conhecidas como “arapucas”) fazem parte de um conjunto de tecnologias antigas que foram muito pouco descritas. Uma das perguntas que norteia meu trabalho é, então, quais são as evidências, relacionadas à caça e a pesca, que se preservam no registro arqueológico? E quais são aquelas que são “apagadas”, mas estavam ali?

Muitos elementos materiais percíveis que fazem parte do cotidiano de uma aldeia (me refiro aqui a partes de vegetais como a palha, as cinzas vegetais, pós de ossos, banhas e outros) não se conservaram (ou raramente se conservam) nos sítios arqueológicos e, por isso, são “invisibilizados” na interpretação dos contextos

arqueológicos. Todas essas técnicas e modos de fazer que envolvem os materiais perecíveis são chamadas de “tecnologias perecíveis”. Nas palavras de Rodrigues (2020), as chamadas “tecnologias perecíveis”, embora sejam muito presentes cotidianamente na nossa vida na aldeia, “são mais invisibilizadas na Arqueologia do que invisíveis de fato”. É o conjunto de gestos e dessas materialidades “perecíveis” que busco documentar em meu trabalho. Então, o trabalho de documentar e registrar os conhecimentos que os caçadores trazem consigo podem trazer a luz a questões como a formação do registro arqueológico e sua interpretação.

De um ponto de vista teórico e metodológico, embora há um número crescente de estudantes indígenas cursando Arqueologia, existe ainda um grande potencial em possibilidades de estudos de uma arqueologia indígena do presente (Munduruku, 2019). O olhar arqueológico sobre as armadilhas e instrumentos de caça, como essas armadilhas eram produzidas e como elas funcionam hoje ajudam a refletir como as tecnologias readaptam e se transformam ao longo do tempo. Somando a pesquisa de vários arqueólogos indígenas, essas pesquisas atuam no reconhecimento, valorização e participação do conhecimento indígena na construção do conhecimento.

Neste trabalho então, nossos objetivos são: 1) Documentar as tecnologias de caça e pesca através das entrevistas com os mais velhos, onde serão registradas o material construtivo das mesmas, suas funções, as épocas do ano em que são usadas, a participação das pessoas que caçam e modos de utilização; 2) Comparar as arapucas e tapagens no seu uso histórico, comparando passado e presente e 3) Estudar e documentar as práticas rituais da caça e pesca com a presença das plantas.

## **Materiais e métodos**

Sendo nascida e criada na aldeia Solimões, tenho a facilidade de estar sempre conversando com os *parentes*<sup>1</sup> e faço a pesquisa seis interlocutores principais:

Sra. Maria Susete Rodrigues Matos, que é pajé e parteira da nossa aldeia;

Sr. Francisco Mendes (conhecido como Burifá), que é caçador e pescador;

---

<sup>1</sup> *Parentes* é a forma pela qual nós nos chamamos entre indígenas

Sr. Nicolau Rodrigues Matos, que é caçador;

Sra. Lídia Gama, que era pescadora e caçadora e minha mãe;

Sr. Osvaldo Sousa da Silva (já falecido), que era pescador e meu pai.

Sr. Bibiano Rocha, que é pescador e meu cunhado.

Meus interlocutores foram principalmente senhores e senhoras da minha própria comunidade e comunidades vizinhas e realizamos as entrevistas durante idas a campo nas aldeias Solimões e Muruary nos anos de 2020, 2021 e 2022. Como fiz a pesquisa durante a pandemia da COVID-19, dei preferência para entrevistar pessoas que estavam no meu círculo de convívio para não expor nenhum dos interlocutores da pesquisa

Todos os cinco interlocutores são anciões indígenas, conhecedores de muitas práticas e tecnologias tanto dessa cultura material quanto dos seus significados. Também é importante documentar os conhecimentos tradicionais desses interlocutores, saberes que estão sendo repassados para seus netos como forma de dar continuidade para que esses conhecimentos não se percam. Esses anciões são nossas bibliotecas vivas e, se não dermos continuidade, essa sabedoria pode se perder.

Nas entrevistas nós seguimos um roteiro semiestruturado com perguntas do tipo:

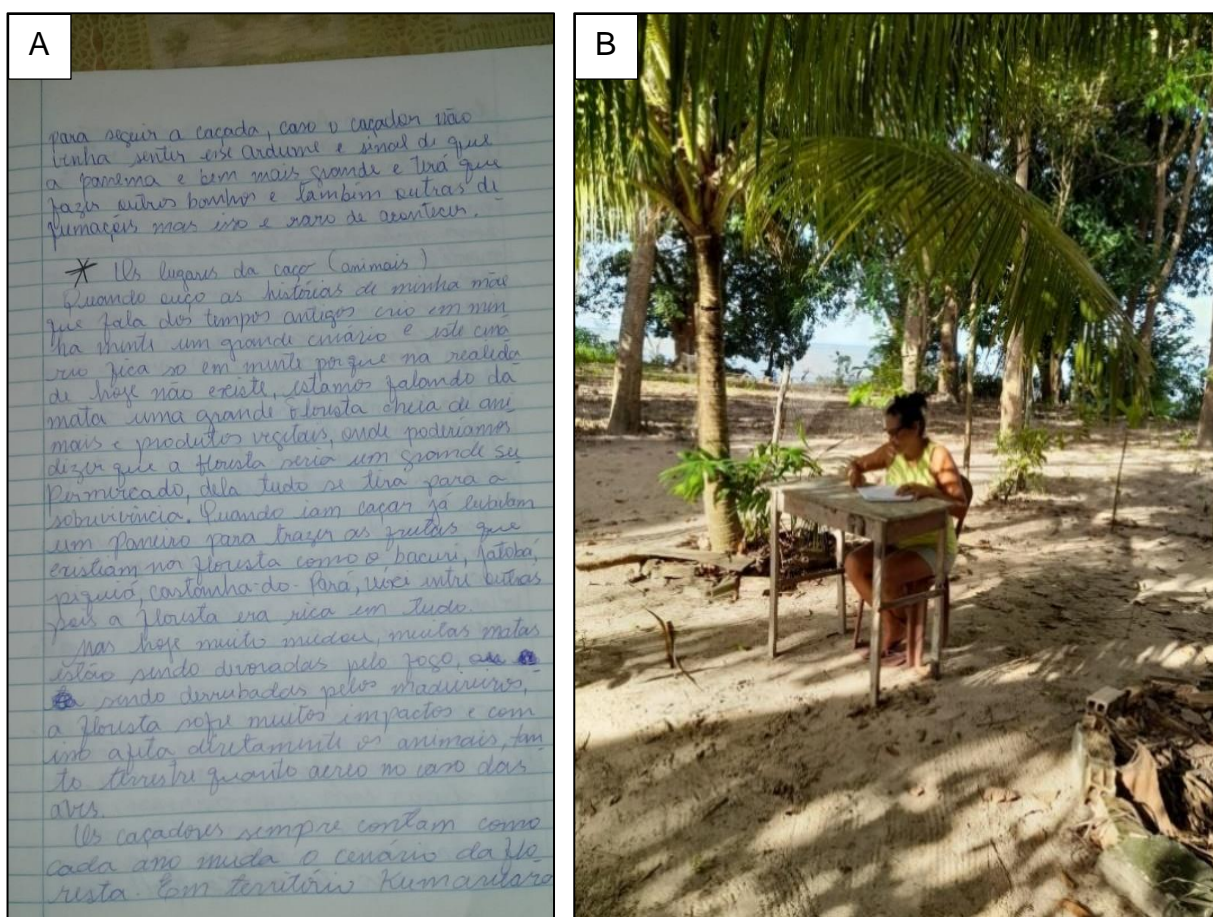
- a) “O que são as armadilhas de caça”?
- b) “quais são os materiais de construção da armadilha?”,
- c) “pra que são usadas?”,
- d) “como são feitas?”,
- e) “como funcionam?”,
- f) “quem participa dessa atividade?”,
- g) “como é feita a preparação para a caça?”
- h) “quais os cuidados que se deve ter nessa atividade antes de entrar na mata?”

Nessa documentação, fizemos também o registro fotográfico das armadilhas e dos rituais, fizemos alguns vídeos das entrevistas. Para as armadilhas que não são mais produzidas, procuramos fazer uma descrição e também ilustrações

que foram feitas junto com a ilustradora (Ádyla Valente) com esquemas de funcionamento.

Todos os textos desse trabalho foram escritos à mão em um caderno já que em algumas vezes eu estava na cidade, outras vezes na aldeia. Então, as páginas eram fotografadas e os textos eram transcritos pela minha orientadora no computador e assim, juntas, conseguimos fazer a pesquisa.

**Figura 1-** (A) Fotos das páginas de caderno onde os textos foram sendo escritos ao longo da pesquisa e enviados pelo celular para serem transcritos. (B) A autora escreveu grande parte na aldeia Muruary no caderno no momento da pandemia e os textos foram digitados pela orientadora.

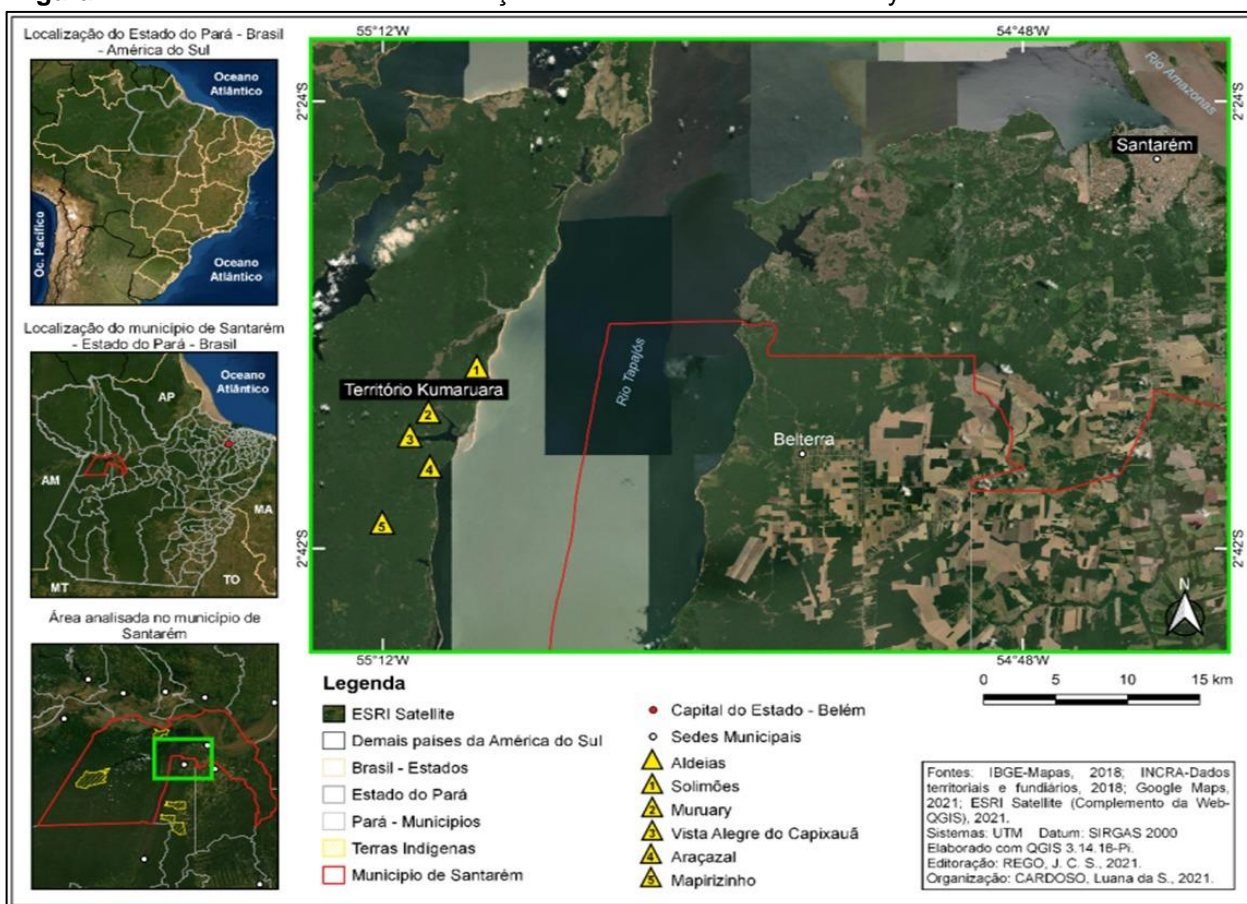


Fonte: Autora, 2022

## 1. HISTÓRIA DO POVO KUMARUARA

O povo Kumaruara vive sobre à margem esquerda do Rio Tapajós em cinco aldeias: Solimões, Muruary, Vista Alegre do Capixauã, Araçazal e Mapirizinho. Todas essas aldeias estão dentro da Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns.

**Figura 2** - Área de estudo com a localização da Aldeia Solimões e Muruary



**Fonte:** Elaboração do mapa por Rego, J e organização por Cardoso, Luana da Silva

Assim como outros povos da região do Baixo Tapajós aparecem na história, após anos que não se ouvia mais falar da existência de indígenas nessa região. “Não se ouvia falar neles”, mas eles sempre estiveram presentes em todos os momentos e períodos da história, no entanto não apareciam porquê tinham medo da repressão social. Então uns estavam quietinhos em seus espaços na roça, na comunidade vivenciando parte da cultura deixada por seus antepassados enquanto outros viviam na cidade em busca de melhorias de vida.

KUMARUARA, porque segundo relatos de viajantes que passaram por essa região, esse povo era conhecido como “CUMARU”, como os TAPAIÚS, MAYTAPÚ e os TAPAJÓ, que já viviam por essas localidades.

Também faz uma relação com a árvore nativa da região, dela brota um fruto rígido que dentro guarda a semente, a qual chamamos de cumaru, para nós ela é benéfica, pois a mesma nos cura de diversos males.

### 1.1. História da Aldeia Muruary

**Figura 3** -Mulheres Kumaruara em encontro em 2020 para a defesa do território



**Fonte:** Autora (2020).

Há muitos séculos o povo Kumaruara habita essa região e seus ancestrais, como a grande presença de terra preta e cerâmica por todo o território, indica. A Aldeia Muruary, pelo que sabemos dos relatos dos antigos, está ligada a história de uma

senhora já falecida chamada Sofia Gama (minha avó) que era a matriarca de uma família de mulheres. Essa senhora viveu entre os anos 50 e 80, mas antes desse período, já havia pessoas da mesma família nessa localidade. Essa guerreira inspira em suas netas força, garra e muita coragem. Proteger a mãe natureza era o seu objetivo de vida e esse é o legado retomado e continuado por suas netas e pelo seu povo hoje.

**Figura 4** - Hélia Kumaruara, minha irmã e mulher Kumaruara.



Fonte: Autora (2020).

Na década de 50 havia poucas famílias (em torno de quatro) que viviam em Muruary. Aos poucos esse número aumentou, com famílias que firmaram moradia e construíram seus roçados. A Aldeia Solimões já existia nessa época, então, as famílias de Solimões tinham seus roçados em Muruary, que era também conhecido como “centro”. Um dos roçados foi construído perto de uma nascente e, por conta disso, o igarapé secou quase completamente. Muitas famílias tiveram que abandonar esse local na década de 80. Mesmo sem água, a matriarca, Sofia Gama com a filha,

Lídia Gama, não abandonaram o lugar. Sofia não tinha marido, ela mesmo caçava e pescava. O local que eles habitavam se chamava Canta Galo. Com o passar dos anos, a vegetação voltou ao normal e a nascente do igarapé voltou ainda mais belo. Então, Muruary voltou a trazer de volta as famílias que tinham se mudado.

Muruary sempre existiu, mas só agora foi aclamada como tal pelo Conselho Indígena Tapajós Arapiuns (CITA). Atualmente somos 10 famílias (aproximadamente 60 pessoas), construímos uma casa de farinha coletiva para todas as famílias. Temos também parceria com o Projeto Saúde e Alegria (PSA), e praticamos a agricultura familiar, temos sinal de internet que pagamos coletivamente. A água vem do igarapé. Queremos construir uma escola e estamos batalhando para termos energia e água para todos.

Durante a pandemia, eu e minhas irmãs junto da nossa mãe, Lídia, ficamos completamente isoladas em Muruary durante quatro meses. Ali nós plantamos, criamos animais e colhemos. Nós, mulheres, da aldeia Muruary trabalhamos conjuntamente organizadas para o bem comum e coletivo. Buscamos em cada guerreira e guerreiro, a garra, coragem e força que vem dos espíritos dos encantados em nossas lutas. Surara!!! Povo Kumaruara, Aldeia Muruary!

**Figura 5** - Casa Kumaruara, Aldeia Muruary.



Fonte: Autora (2022).

**Figura 6** - Casa de farinha, espremendo a mandioca no tipiti.



Fonte: Autora (2022)

**Figura 7** - Processo de fabricação de farinha de mandioca. (A) Descascando em grupo (B) Amassando a massa.



Fonte: Autora (2022)

## 1.2. História da Aldeia Solimões

A história do povo Kumaruara da Aldeia Solimões é marcada por luta e discriminação racial. Mesmo assim, o povo resiste e existe neste lugar, perpetuando seus costumes e tradições. Como no caso da Aldeia Muruary, embora o povo estivesse ali há muito tempo, só em 2009 a aldeia foi reconhecida pelo CITA. No dia 25 de maio deste ano, estiveram presentes membros da Universidade como o prof. Florêncio Vaz Filho (também indígena), João Antônio Tapajós, coordenador do CITA e várias outras lideranças indígenas da região.

Atualmente a Aldeia Solimões tem 44 famílias que estão distribuídas em três bairros (Paciência, Recreio e Pororoca). Tem uma igreja que homenageia a padroeira Nossa Senhora das Graças, uma sede, um campo de futebol chamado Cruzeiro Esporte Clube, um agente de saúde, duas escolas e um ensino fundamental no sistema modular indígena. A aldeia tem um sistema de água implementado pelo PSA.

## 2. COMO É VIVER SOBRE UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO? COMO É VIVER SOBRE A TERRA PRETA?

Ao longo desses anos a disciplina de Arqueologia tem contribuído demais em minha vida. Ela mostrou a importância de ter um olhar para o chão. O chão é um lugar sagrado que chamamos de “mãe terra” e é esta terra que mostra as memórias dos nossos antepassados.

Em minha aldeia, nós vivemos sobre uma área riquíssima em terra preta, também conhecida como Terra Preta de Índio (TPI). A terra preta de índio desde os tempos passados tem o seu valor pois sabemos o quanto ela é boa para a produção da agricultura. É uma terra muito fértil onde os agricultores plantam suas roças de mandioca, milho, batata, cará, banana, entre outros e com alguns meses já fazem sua colheita. Assim, cada vez mais essa terra se torna sagrada e respeitada pelo seu povo. Nós sabemos que ela foi habitada e que nela existe ancestralidade.

Nessa terra preta há outros vestígios arqueológicos que nos saltam aos olhos como a cerâmica e as palmeiras. Encontramos muitos artefatos valiosos nessa terra e hoje são preservados através dos conhecimentos que são trazidos para dentro da aldeia. No território Kumaruara, há muitas coleções arqueológicas. Existe uma coleção na escola da aldeia e muitos moradores guardam suas próprias coleções arqueológicas. Estive conversando com as pessoas sobre essas coleções ao longo do meu trabalho de TCC. Me chamou a atenção a história de um menino indígena chamado Lucas Ramon. Lucas iniciou sua coleção de materiais arqueológicos com 8 anos (atualmente ele tem 15) e me mostrou sua coleção. Desde criança ele foi apaixonado por aqueles objetos e a cada dia crescia mais o desejo de encontrar esses fragmentos. Ele encontrou e retirou com cuidado panelas de barro inteiras. Ele relata que, quando não tem nada para fazer, vai escavar os barrancos de terra caída, que são os locais onde mais se encontra cerâmicas arqueológicas e, com isso, fica encantado com cada fragmento que encontra.

A terra preta guarda histórias. Os antigos dizem que na época da Cabanagem, duas etnias tiveram que fugir para essa área para não serem mortos, por isso, ali existe cerâmica. Esse local de terra preta tem seus encantos, nós cuidamos e preservamos sempre para que tenhamos sempre um lugar sagrado com

histórias reais dos nossos antepassados. Nas coleções de Lucas Ramon, por exemplo, nós encontramos materiais indígenas e também materiais dos brancos como louças, metal (partes de facas, lanças, partes de espadas) como se vê na figura. Não sabemos se esse material chegou ali por conta de alguma antiga missão, no período da cabanagem, ou da borracha. É algo precisamos investigar quando formos estudar esse sítio.

**Figura 8** - As cerâmicas afloram no quintal. Aldeia Muruary, agosto de 2021.



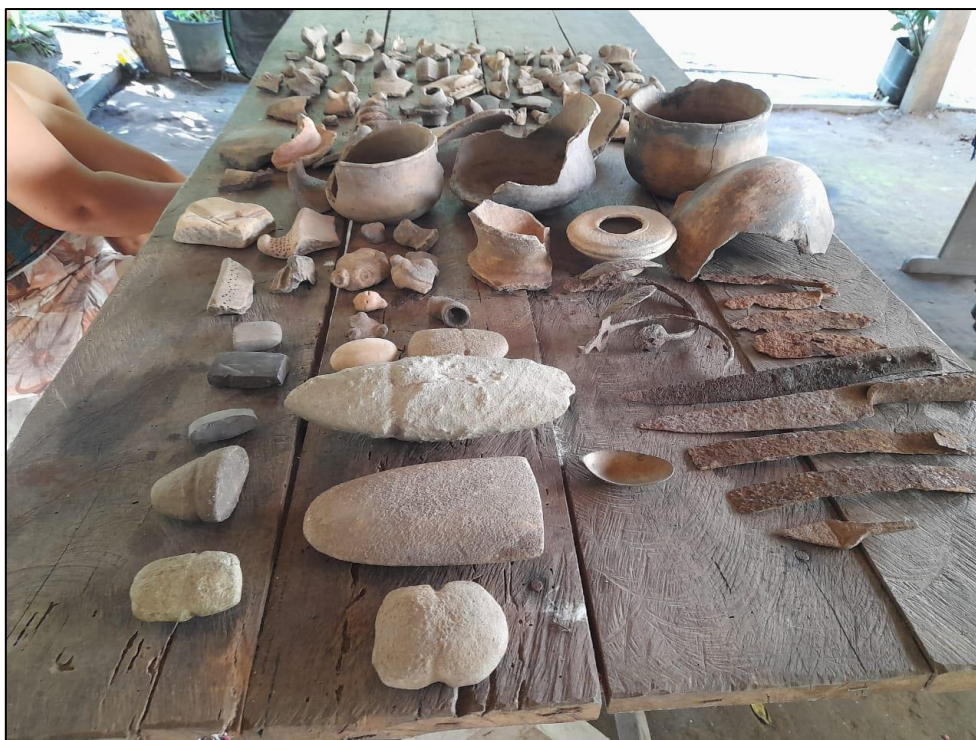
Fonte: Autora (2021)

**Figura 9** - Após ter tido experiência de campo na universidade, como o vaso ia se quebrar se ficasse exposto, nós conseguimos evidenciar e resgatar o vaso. Aldeia Muruary, agosto de 2021.



Fonte: Autora (2021)

**Figura 10** - Coleção arqueológica de Lucas Ramon onde se observa cerâmicas arqueológicas indígenas, machados, metal (colher, lanças, partes de espada, facas, etc.). Esse material nunca foi estudado.



Fonte: Autora (2021)

**Figura 11** - Lucas Ramon, indígena Kumaruara, com a coleção de materiais que começou a colecionar com 8 anos.



Fonte: Autora (2021)

**Figura 12** - A autora com as peças arqueológicas que caem do barranco de terra preta.



**Fonte:** Autora (2021).

Para além da vivência com os vestígios arqueológicos, nos últimos anos temos estudado junto com outros pesquisadores que estiveram em minha aldeia como a professora Anne Rapp Py-Daniel, o professor Claide de Paula Moraes (ambos da UFOPA) e sua família. Eles estiveram na aldeia em 2019 quando eu estava cursando Arqueologia e conversamos muito sobre arqueologia com as pessoas na aldeia e na escola.

## 2.1. Introdução sobre à caça, à colheita de frutos e à floresta

Quando ouço as histórias de minha mãe, estamos falando dos tempos antigos. A floresta é grande e cheia de animais e produtos vegetais. A floresta, poderíamos dizer, é como um grande supermercado, dela tudo se tira para a sobrevivência. Quando um caçador ia caçar ele já ele já levava um pano para trazer os frutos que existem na floresta como o bacuri, o jatobá, o piquiá, a castanha-do-Pará, uxi, entre outras, pois a floresta é rica em tudo. Os animais da caça vivem na mata virgem, na capoeira, nos campos, nas roças. O caçador é tão inteligente que ele sabe perfeitamente onde está cada tipo de animal.

O caçador muitas vezes não tem que sair de casa para caçar. Quem tem suas colônias ou até mesmo seus roçados perto de casa sabe que viverá com vários tipos de animais como a cotia, o veado, o porco-do-mato. Muitas vezes ao lado de casa estão os animais, nas roças, nas clareiras, esses animais aparecem em grandes quantidades. Ao redor da casa era uma área de capoeira e há muitas palmeiras. Os coquinhos dessa palmeira são chamados de curuá (*Attalea* sp.).

Nas capoeiras moram os tatus, as cotias e as pacas porque esses animais vêm atrás dos coquinhos do curuá e assim eles se aproximam. Também na roça de mandioca chegam os veados porque eles comem as folhas da maniva e as plantações de abacaxi. A pessoa que faz seu roçado sempre topa com os animais e, assim, diariamente cruzávamos com esses animais. Certa vez encontramos inclusive o cantinho do veado dormir bem no cantinho da roça e ele estava todo amansado. Percebemos que era uma família de veados. Um dia eu fui buscar água no igarapé e eu levei um susto enorme quando um pequeno veado saiu correndo da tronqueira de uma plantação de abacaxi ao lado da casa. Em alguns casos, esses animais podem destruir o roçado. Nesses casos, tivemos que matar o veado mais velho e as cotias e nos alimentamos deles. Nós tentamos entender por que os animais vêm mais para perto das casas. Será em busca de alimentos? Em busca de água?

Os animais também estão na mata virgem. A mata virgem fica bem mais distante e os caçadores quase não vão caçar pra lá. Na mata virgem moram animais como a anta, a paca, o veado, as queixadas, entre outros. Os caçadores ou mateiros tem muita facilidade de conhecer os locais onde os animais se abrigam, sabem onde

existem árvores frutíferas que eu chamarei de “fruteiras”. Por exemplo, a muúba, o inajá, a fruta da manquiana, teperebarana, fruta da pinaúba, flor da pequiarana (*Caryocar* sp.). Sabendo o local dessas árvores, o caçador já observa se ao redor há “pisadas”, fezes do animal, ou a fruta roída do animal e pode fazer a espera ao lado da árvore.

Há também os campos que ficam próximos às margens do lago. Nessas áreas com água vivem as capivaras. Elas vêm pela manhã ou final da tarde. Então, é comum a caça de espera nesses lugares.

Existem também muitas aves. As épocas em que elas estão mais perto são aquelas em que as palmeiras estão com frutos, como a bacabeira (*Oenocarpus* sp.), o açazeiro (*Euterpe* sp.), o buriti (*Mauritia flexuosa*). Nessas árvores os papagaios, os periquitos, as araras, os tucanos, os araçaris e muitas outras aves “param”. No passado elas eram caçadas quando precisávamos das penas e também nos alimentamos delas. Atualmente as aves não são muito caçadas já que temos também galinhas no terreiro (quintal) e usamos essas penas para confecção de artesanatos.

## **2.2. Os encantados e a relação com os espíritos da floresta**

Qualquer lugar que as pessoas andem, esse lugar tem um dono. Seja um rio, campo, igarapé, lago, a floresta. É como um “chefe da família” e nesses lugares as pessoas precisam pedir licença e respeitar suas leis, mesmo que a pessoa seja daquele lugar. Falar em encantados para os brancos seria como um “conto popular”, são vistos como “lendas”. Para nós, falar sobre os encantados exige responsabilidade porque temos muito respeito a esses seres. Cada encantado tem a sua história. Os conhecimentos sobre os encantados são repassados de pai para filho, ou seja, eles já vêm de outras gerações. Quando passamos por terras diferentes falamos com encantados daquele lugar e pedimos permissão para passar por aquele lugar. Nos apresentamos falando quem somos, seus filhos ou netos. Portanto, quem nasce, cresce e vive em aldeias ou em comunidades tem esse conhecimento tradicional, de respeitar os encantados.

Isso não é diferente na vida de um caçador. Sabendo que a mata tem seu “dono” ou “sua mãe”. É assim que chamamos, “mãe do mato”, e essa mãe cuida, protege a floresta e os animais. Um filho não sai de perto de sua mãe sem sua permissão, essa mãe é a “curupira”. Para nós indígenas, ela está sempre por perto e temos muito respeito por ela.

Admiro a relação que o caçador tem com este ser encantado pois quando se preparam para a caçada, os preparativos da caçada já estão prontos, no caso, o cigarro de tabaco.

**Figura 13** - O ticoã (*Piaya melanogaster*) é um animal muito importante e encantado para nós e tem um canto em que ele fala conosco.



**Fonte:** Edson Lopes (ano).

### 2.3. Panema ou Panemice

A *panema* é o azar que faz com que o homem não consiga matar o animal quando irá caçar. O caçador percebe que está *panema* através de alguns sinais, como a preguiça, com muito sono, sem vontade de fazer suas atividades, sem ânimo para continuar suas caças. Um segundo sinal está relacionado ao cipó-taia. A raiz do cipó-taia, ao ser amassada, ela libera um sumo, esse sumo, ao passar no corpo, ele arde somente no corpo de quem está com a *panemice*. Quando o caçador sabe que está *panema*, mas ele não sente o cipó-taia arder no momento do banho, é sinal de que a *panema* está tão forte que será necessário um outro banho.

Para se tornar um bom caçador, é necessário um protocolo específico. Um homem começa a caçar já quando é menino e a regra é que ele deve fazer sozinho a limpeza da *embiara*<sup>2</sup>. Não importa o tamanho do animal, o importante é ele cuidar sozinho. Se ele respeitar esse protocolo, não terá *panema* por longos anos.

Vários fatores podem provocar a *panemice*. Um deles é quando a mulher grávida vem comer a *embiara*. A mulher irá “empanemar” o caçador. Uma vez que o caçador foi “empanemado”, ele deve fazer um ritual para “quebrar” a *panema*. Ele chama a mulher grávida, eles conversam e ele pede pra ela morder o cano da espingarda três vezes de uma ponta à outra ou pede para ela passar a espingarda três vezes no meio da perna dela. Fazendo isso, ele volta a ter sorte na caça e ela cura o caçador.

Um outro fator causador da *panema* pode ser causada pelo próprio parceiro de caça. Quando os dois vão caçar e somente um tem a sorte de matar. O outro parceiro, que não matou, ele fica com inveja e essa inveja causa desânimo no parceiro. Para que não aconteça essa situação, a *embiara* é dívida. Aquele que caçou, dá um pedaço da caça para aquele que não matou nada. Existem várias formas de evitar a *panemice*, as mais frequentes são os banhos e as defumações, tema que irei desenvolver no próximo capítulo.

---

<sup>2</sup> Nós, Kumuaruara, hoje falamos português misturado com o nheengatu. Então, toda vez que você ver uma palavra indígena, você pode consultar o Glossário que eu coloco no final para vocês o significado ela em português.

### 3. O USO DAS PLANTAS NOS BANHOS, DEFUMAÇÕES DA CAÇA E DA PESCA E OS PROCESSOS DE CURA

#### 3.1 Os banhos e defumações como parte do preparo para a caça e a pesca

A caça envolve uma série de preparos e cuidados do caçador que vão além da caça do animal em si. Grande parte desses conhecimentos foram transmitidos pelos conhecedores Pajé Suzete e Sr. Nicolau. Os caçadores se preparam já que existem muitos fatores que causam a inveja, olho-gordo, mal olhado e a panemice. Alguns caçadores creem nas defumações com as plantas e ervas medicinais. Para outros caçadores, isso não tem importância. Existem caçadores que, além de terem seus conhecimentos e técnicas de captura das embiaras (caças ou animais), eles também precisam tomar cuidados com o seu corpo e seu material de caça. Um caçador, antes de ir para a mata, faz todo um preparo. Primeiro, ele observa o local onde será feita a caçada. Verifica-se se há passagem de algum animal ou árvores frutíferas e só então começa fazer o ramal. Para traçar o ramal, é necessário fazer a varrição, é um caminho bem limpo para esperar a caça. O caminho deve estar limpo para que quando o caçador passe, não faça barulho que possa assustar a caça. Feito isso, o caçador retorna para a casa para fazer o banho ou defumação. É aí então que inicia o ritual. Com cuidado, ele coleta as folhas e raízes das plantas e outros ingredientes. Esse caçador tem o conhecimento das plantas que poderá usar em seus banhos e defumações.

O que é o banho? Ele pode ser feito em água ou no caldo da mandioca (tucupi). Esse tucupi é retirado da mandioca mole. Ele reserva a água ou o tucupi e coleta as folhas da mucura-káa, peão-roxo (*Jatropha* sp.), cipó-taia, e a folha da malagueta. Se esfrega as folhas nesse líquido e o cipó-taia, é batida a raiz até sair o sumo. Feito isso, o preparo fica reservado até o horário do banho, pode ser ao meio-dia ou às três da tarde. Ele joga a água no seu corpo com o *coió*, que é a cuia. Então, o caçador escolhe locais específicos para esse banho. Pode ser às margens no rio ou em uma encruzilhada porque nesses locais, há passagem de água ou vento que levará o azar ou a panemice embora.

O que é a defumação? A defumação é ato de jogar a fumaça no seu corpo e no material de caça. Essa defumação é composta das folhas de *mucura-kaa*, peão-

roxo (*Jatropha* sp.) e pimenta malagueta (a pimenta em si, não a folha), ossos de animais, o talo da mandioca seca. Essas plantas são plantadas no terreiro (quintal) do próprio caçador e outras são encontradas na mata. Em um caco ou vasilhame de cerâmica, ele coloca a brasa e os ingredientes dentro e faz a fumaça e passa no seu corpo. Ele pode estar de pé ou sentado e percorre o seu corpo para se purificar. Ele passa a fumaça também no seu material de caça, que é a espingarda, a lanterna e a *boroça*, que é bolsa que ele carrega os cartuxos.

Os banhos e defumações também servem para tirar o cheiro humano, pra quando o caçador estiver na mata, os animais não venham a sentir o cheiro do caçador.

**Figura 14** - Pajé Maria Susete preparando os materiais para o preparo do caçador.



**Fonte:** Autora (2021).

**Figura 15** - As plantas utilizadas nesses preparos são retiradas do próprio terreiro. Nota-se, na foto, uma terra preta que é provavelmente indicativa de presença de sítio arqueológico.



Fonte: Autora (2021).

**Figura 16** - Algumas das plantas utilizadas na defumação são a pimenta-malagueta, a mucura-kaa, o peão roxo (*Jatropha* sp.).



Fonte: Autora (2021).

**Figura 17** - Coleta do peão-roxo (*Jatropha* sp.), que é uma das plantas utilizadas na defumação.



Fonte: Autora (2021).

**Figura 18** - Alguns pequenos limões podem ser utilizados para completar a defumação.



Fonte: Autora (2021).

**Figura 19** - As plantas são misturadas junto as brasas de carvão.



Fonte: Autora (2021).

**Figura 20** - Essa mistura é passada no caçador e nas suas armas.



Fonte: Autora (2021).

**Figura 21** - Essa mistura é passada no caçador e nas suas armas.



Fonte: Autora (2021).

**Figura 22** - Pajé Maria Susete está fazendo a defumação também nas costas do caçador.



Fonte: Autora (2021).

### 3.2. A cura que vem dos animais

Desses animais que nós pescamos e caçamos, não só a carne nós consumimos. Deles, nós tiramos também vários outros produtos que nós utilizamos no dia a dia. Nós, povos tradicionais nem sempre vamos em busca do médico na cidade quando estamos doentes porque temos muitas formas de nos curar na própria aldeia. As banhas são sagradas e elas curam. Quando um caçador mata um animal e que ele sabe que a banha é boa para algum tipo de doença, logo se faz o preparo para a retirada dessa banha. Elas são utilizadas para curar feridas abertas. Elas são passadas ao redor do ferimento, e não logo acima do ferimento e a carne vai se unindo aos poucos.

Um dos animais que tem a sua banha muito utilizada é o quati (família Procyonidae). A banha desse animal é usada para curar desmentidoras, curar feridas como carne rasgada ou rasgaduras. Após retirar a banha, coloca-se em uma panela pequena em fogo baixo para não queimar. Quando derretida, coloca-se em um vidro para deixar esfriar. Quando alguém está desmentido, vai ao puxador e ele usa essa banha para fazer fricções durante vários dias.

Também os ossos do quati são utilizados na cura, por exemplo, do reumatismo. Esses ossos são queimados, em seguida, os ossos são batidos com um pano. O pó pode ser utilizado para defumações e pode ser colocado em cima da rasgadura com a banha com um emplastro.

Uma outra banha bastante utilizada por nós é a banha da suciriju. Ela é utilizada para curar os ferimentos e essa banha também tem a capacidade de fazer colar os ossos. Porque a banha da suciriju cola os ossos? Se diz que é porque quando a suciriju se corta e o pedaço cortado fica perto da cobra, no outro dia esse pedaço já está colado nela.

## 4. O USO DAS PLANTAS NAS DIFERENTES TÉCNICAS DE PESCA

Vamos falar aqui das antigas armadilhas de pesca que eram utilizadas nas comunidades estudadas. Algumas delas são a zagaia, o arco e flecha, o faxio, a pesca de pindáua. Uma das mais importantes era a tapagem.

### 4.1. A tapagem

Antigamente a tapagem era uma prática de pesca usada para capturar peixes na época em que os lagos estavam secando, período que é conhecido como “baixada das águas”, que ocorre por volta de mês de setembro. Nesses períodos não existiam as tarrafas e malhadeiras, então os povos se organizavam e faziam essas armadilhas para alimentar suas famílias.

**Figura 23** - Foto do Lago Icy, aldeia Solimões. A tapagem era colocada da praia para a terra firme.



**Fonte:** Autora (2021).

**Figura 24** - Foto das canoas no lugar onde elas ficam guardadas, cada dono sabe o lugar onde guardou. Lago do Icy, aldeia Solimões.



**Fonte:** Autora (2021).

A tapagem era produzida por cerca de dez homens que eram comandados por um chefe, ou “cabeça do trabalho”, mas cada homem tinha sua atividade e tarefa a fazer. Primeiramente observavam o local onde eles iriam colocar a tapagem no lago. Aqui na nossa aldeia nós temos dois lagos onde eram colocadas essas tapagens, como o Lago Icy e o Lago Aramum. É no período em que esses lagos começavam a secar que os homens saíam para o mato em busca de paus, cipós, talas e palhas e

começavam a confeccioná-las perto do lago. Fazer tapagem é como se fosse um puxirum, é com muita alegria e união já que todos tirarão o seu sustento dali.

Sobre a estrutura da tapagem, as tapagens são estruturas mistas compostas de **estacas**, que irão ser posicionadas nos lagos; os **panos**, também chamados de “Panos de Pari”, que são trançados feitos de elementos da palmeira e são posicionados entre as estacas; e **as armadilhas**, também chamadas de *cacuris*, que são estruturas como covos e que são posicionadas na tapagem para receber os peixes.

O Pano de Pari é feito tala da palha verde duo curuá (Aceraceae). Ele é feito fora do lago, depois enrolado e levado para o lago. Também os cacuris, que são armadilhas ovaladas, são feitos fora do lago, com talas de palhas. Em seguida, as estacas são enfincadas no lago através de um mergulho, as estacas funcionam como uma cerca. Em seguida, vão amarrando os panos todas emparedados um no outro para formarem uma parede na água. Para amarrar o pano na estaca no fundo do lago, os homens mergulhavam e trançavam em baixo da água. O cipó utilizado para amarrar esses panos nas estacas é o cipó taracuá, que é muito resistente. O pano de pari tem a função de barrar a água e direcionar os peixes até as armadilhas, que são chamadas de cacuris e paiol.

Sobre a forma de descarte dessas estruturas e a sua conservação, é interessante observar que, depois que o lago seca, esse material era retirado e queimado ou elas eram abandonadas. No ano seguinte, não havia quase nenhum resto delas que se preservava. Em abril de 2019, meu tio, Sr. Francisco Mendes, que costumava fazer tapagens, reproduziu (em dimensões menores), como ela era feita. As fotos estão seguir:

**Figura 25** - (A) Sr. Francisco Mendes fazendo a retirada das talas do curuá na floresta; (B) amarração das talas para fazer o Pano de Pari com cipó taracué. (C) Pano de Pari sendo enrolado para ser levado ao lago e (D) Pano de Pari antes de ser posicionado no lago



Fonte: Autora (2021).

**Figura 26** - (A) Demonstração de como o Pano de Pari era posicionado no lago entre as estacas (B) Pano de pari reproduzido para este trabalho



Fonte: Autora (2021).

**Figura 27** - Essa ilustração foi feita pela colega Adyla Valente a partir dos meus relatos. Ela ilustra a tapagem no momento que o pescador a coloca no lago. O pano do pari era colocado atravessando o lago de uma margem a outra para poder represar os peixes.



Fonte: Adyla Valente (2022)

**Figura 28** - Cipó taracué na floresta inundada do Caranazal (Alter do Chão).



**Fonte:** Gabriela Carneiro (2021)

## 4.2 A pesca de facho, a piraqueira

Além da tapagem existem várias técnicas de pesca que eram feitas nos tempos antigos, como por exemplo a pesca de facho, a pesca de piraqueira, a pindaua (que era uma pescaria feita com um caniço/Vara), a pesca com lanterna de carboreto e a pesca de timbó. Cada técnica era feita de maneira diferente e exigia bastante conhecimento muita paciência. Esses conhecimentos foram repassados por anciões, principalmente da entrevista com o Sr. Francisco Mendes, que é um pescador com muito conhecimento na área de pesca, foi um relato das suas aventuras como pescador.

O nome “pesca de facho” é dado porque é uma pesca noturna e o facho permitia a claridade a ponto de enxergar o peixe no fundo do lago. O facho era feita utilizando matérias-primas da floresta como o pau de aquiui (que é uma árvore), o talo da palha ou bagaço da palmeira de curuá. Para fazer esse facho, é necessário tirar os “filhotões”. Filhotões são como chamados os pequenos galhos da arvore de aquiui. Eles podem estar secos ou verdes e batê-los para esfachiar, amarrando-os para fazer um facho que pegue fogo. Já a tala, ia queimando aos poucos e, assim que queimava, se criava uma cinza. Então, era só assoprar que o fogo acendia novamente e então começavam a pescaria. Eles utilizavam canoas ou iam abeirando o lago. A claridade do fogo permitia que conseguissem ver os peixes e aí atiravam suas zagaias ou suas flechas. Quando iam de canoa era necessário um Piloto, que era flechador e zagaiador.

**Figura 29** - Sr. Francisco Mendes reproduzindo como era feita a pesca com a lanterna antigamente.



Fonte: Autora (2021).

**Figura 30** - Antiga lanterna utilizada na pesca. Hoje, elas foram substituídas pelas lanternas à pilha ou recarregáveis.



**Fonte:** Autora (2021).

Já a piraqueira é como chamada a lanterna, são instrumentos feitos de lata que servem para iluminar a pescaria. É um instrumento recente, utilizado de uns 50 anos pra cá e que imita um apetrecho antigo, o facho. As piraqueiras são instrumentos feitos de latas. O combustível usado era o querosene e as latas eram unidas por um

arame. Em uma das latas ficava o querosene e na outra lata ficava um fio que sugava o querosene, dando uma boa claridade. Os pescadores também pescavam de arco e flecha ou zagaia.

Um último apetrecho parecido com o facho é a lanterna de carbureto. O carbureto é uma pedra que, quando colocada na lanterna e queimada, proporciona a claridade. Todas essas práticas de pesca utilizavam canoas, arcos, flexas ou zagaias. Quando não se tinha esses instrumentos, apenas usavam um terçado.

### **4.3. A pesca de timbó e a pescaria da pindáua**

Os conhecimentos sobre o timbó foram repassados pela Sra. Lidia e pelo Sr. Bibiano Rocha. Ela aprendeu essa técnica quando criança com a sua mãe, pois dona Lidia cresceu sem pai. Então, sua mãe, Sofia, passou todos seus ensinamentos tanto na pesca como na caça. Desde cedo tinham que se virar em busca de alimentos para família. Em seus relatos, Dona Lídia fala do timbó como uma pesca divertida para sua vida porque existia uma comunicação entre as famílias para “colocar timbó”, como diziam. Ela fala com muita alegria e muitos risos sobre como era bom pescar de timbó. Para ela, era como estar em um parque de diversão pois se sentia muito feliz todas as vezes que enchia seu paneirinho de variados peixes. O timbó é uma raiz que, ao bater, tira-se um leite. Várias plantas podem ser utilizadas como timbó, mas nosso povo usava a planta que foi identificada pela profa. Chieno Suemitsu como pertencente à espécie *Dracontium guianensis*. Esse leite, ao se colocar na água, provoca a morte dos peixes de forma instantânea. Ainda hoje meu cunhado, Sr. Bibiano, sabe onde fica essa planta, que hoje não é mais usada devido à proibição. A planta do timbó “dá” naturalmente na floresta, em área de igarapé. Tive a oportunidade de ir com ele, ele identificou a planta, em seguinte, cavou com a enxada pra fazer a retirada da raiz, em seguida, ele cortou e levou até um tronco de um pau. Com um pau pequeno ele ia batendo na raiz até a raiz ficar asfisiada, e se via um leite branco escorrer. Essa raiz era levada pelas pessoas até o local da pesca. Então, raiz era chacoalhada na água e matava os peixes e liberava os peixes.

**Figura 31** - Fui junto do Sr. Bibiano procurar a raiz do timbó (*Dracontium guianensis*) em uma área de igarapé na colônia das Pedreiras, Vista Alegre do Capixauã, dentro do território Kumaruara. (A) A folha da raiz do timbó (B) Sr. Bibiano está fazendo a retirada da raiz



Fonte: Autora (2021).

**Figura 32** - Sr. Bibiano vai batendo na raiz do Timbó, o liquido branco é o veneno utilizado na pesca.



Fonte: Autora (2021).

A pesca do timbó é muito delicada e durante muito tempo ela foi proibida já que essa pesca é venenosa e pode matar as pessoas. Na nossa aldeia, esse fato nunca ocorreu. Segundo os antigos, quando não se tinha o que comer, rápido tiravam essa raiz e iam nas tranqueiras colocar o timbó e no instante já tinham seu almoço em casa.

Alguns cuidados eram tomados na pesca do timbó. Por exemplo, as pessoas tinham que colocar o timbó na água e sair somente depois que não aparecia mais peixe morto (pra que os peixes não fossem desperdiçados). As pessoas também usavam simpatias para cortar o efeito do timbó como, por exemplo, mijar na água.

Dona Lídia relata que, ao colocar o timbó na água, matavam vários tipos de peixes. Naquela época não se tinha como armazenar em freezer, então eles salgavam e passavam semanas na praia ao lado do lago. Só iam embora quando nenhum peixe boiava, ou seja, tinha sinal de morto.

**Figura 33** - Essa ilustração da Adyla Valente mostra a pescaria do timbó no momento em que os pescadores coletam os peixes mortos no lago e os colocam em paneiros ou cestos.



Fonte: Autora (2021).

**Figura 34** - Dona Lídia Gama da Silva, é minha mãe e na foto está despolpando cupuaçu a partir do tato (porque ela não enxerga mais) e foi a anciã que repassou os conhecimentos sobre o timbó.



Fonte: Autora (2021).

A “pesca de pindáua” é uma arte bem interessante porque ela é feita especificamente para uma qualidade de peixe, que é o Tucunaré (*Cichla* sp.). A pesca de pindáua também é conhecida como “wawaka” ou “vara e caniço”. Essa pescaria exige muita técnica e paciência pois, somente quem conhece o local, sabe a hora certa de pegar o tucunaré. Essa pesca era muito utilizada e me foi contada pelo

pescador Osvaldo e hoje já é falecido, mas as lembranças permanecem vivas em mim e me recordo de como tudo começava.

Para fazer o caniço é necessário retirar a vara de uma palmeira que chamamos de tucumaí. Após retirar a vara, o pescador vai formar uma “penca”, que é a amarração de dois anzóis junto a uma pena branca e um pedaço de pano ou um fio vermelho. A pena ou o pano servem para atrair o peixe.

A pescaria da pindaua também exige um preparo ritual. Antes de ser levada para a pescaria, é necessário fazer uma defumação nessa penca que serve tanto para afastar a panemice como para atrair o tucunaré. A defumação da penca é bastante similar àquela feita ao caçados. Nela, se utilizava a folha da Mucura kaa, folha de pião roxo, pimenta malagueta e o talo da mandioca. Em um vasilhame junta-se estes ingredientes mais brasa do fogo e a fumaça que sai dessa brasa é passada no no caniço e no anzol para purificar.

Os gestos dessa pescaria são bastante delicados. Essa pesca era feita com muito silêncio, por isso Seu Osvaldo gostava de pescar sozinho para ninguém fazer barulho. De um lado da mão remava e do outro, ele saía riscando a água com seu caniço a ponto de saber a hora e o momento certo de capturar esse peixe. Então, ele voltar para sua casa levando o alimento saudável para sua família que o recebiam com muita alegria. Essa pesca requer também uma série de observações relacionados ao local onde habita o peixe e ao clima. Ela era feita sempre quando caía uma chuva, na parte da manhã ou no final de tarde.

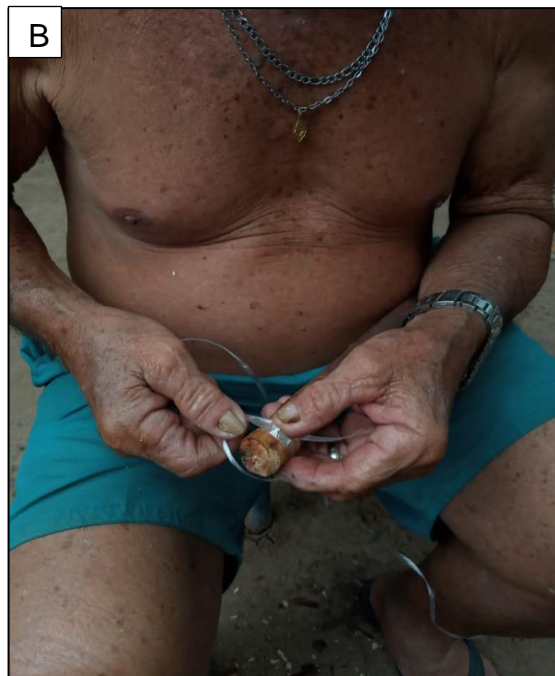
Também existiam os cuidados relacionados aos restos dos peixes que vinham dessa pesca. As escamas, as “galhas” (que são como chamamos as nadadeiras dos peixes) e as espinhas, tudo isso tinha que ser guardado e jogado no rio, no igarapé ou poderiam ser queimadas. Se algum animal comesse esses restos, a panema viria e o pescador e não iria pegar peixe da próxima vez. Então, os cuidados com os restos dos peixes eram feitos por todos da família.

## 5. O USO DAS PLANTAS NA CAÇA E AS ARAPUCAS

Os caçadores ou mateiros tem muita facilidade de conhecer os locais onde os animais se abrigam, sabem onde existem árvores frutíferas que eu chamarei de “fruteiras”. Por exemplo, a muúba, o inajá (*Attalea cohune*), a fruta da manquiana, teperebarana, fruta da pinaúba, flor da pequiarana. Sabendo o local dessas árvores, o caçador já observa se ao redor há “pisadas”, fezes do animal, ou a fruta roída do animal e pode fazer a espera ao lado da árvore.

Antigamente se pegava muitas aves silvestres como o inambu, juruti, galega e saracura que viviam ao redor de cada das famílias. Eram fabricadas arapucas, que eram armadilhas cuja tecnologia de construção era passada de pai para filho. Há diferentes tipos de arapuca, algumas delas são em forma de pirâmide. O primeiro passo para iniciar a arapuca é a coleta de pequenos paus, eles devem ser bem retos. Em seguida, eles são medidos. Os paus maiores vão em baixo e os paus menores vão em cima. Todos eles são amarrados com o cipó (o titica ou o taracué). Pedi para o sr. Francisco Mendes fazer a arapuca para mim (em 2022) e ele fez. Como não tínhamos ali o cipó, ele amarrou com barbante. Cada ave tem uma alimentação, então, se colocava a comida daquela ave (ou grupo de aves), como o milho, a curueira (que é um produto da mandioca, as partes da mandioca ralada que não passam na peneira) e o culhão de bode (*Tabernaemontana hystrix* Steud). A arapuca pronta é uma obra de arte. Os antigos ainda conhecem a tecnologia da arapuca, mas infelizmente ela está sendo perdida porque os pais não ensinam mais os seus filhos.

**Figura 35** - Sr. Francisco Mendes decidiu reproduzir a arapuca para este trabalho. (A) O primeiro passo é medir os paus da arapuca, (B) se faz um traço para poder encaixar o cipó (no dia, como não tínhamos cipó, nós usamos o barbante), (C) se começa a montar a arapuca, (D) se estrutura a pirâmide, dos os maiores para os menores, (E) se ergue a pirâmide, (F) se ajusta dos paus, (G) se faz o acabamento, (H) arapuca pronta.





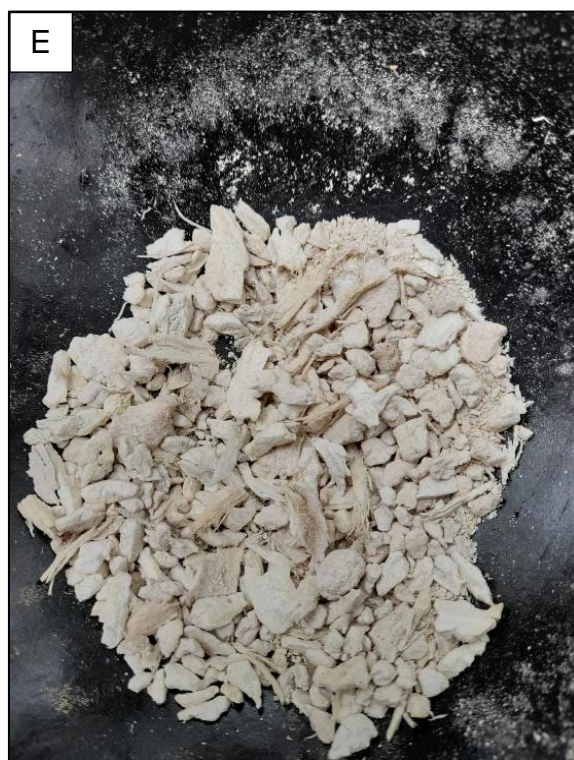
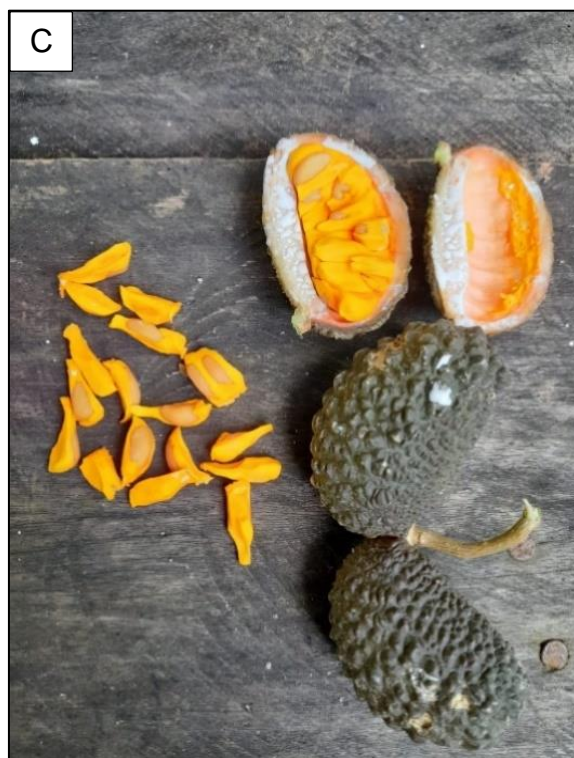
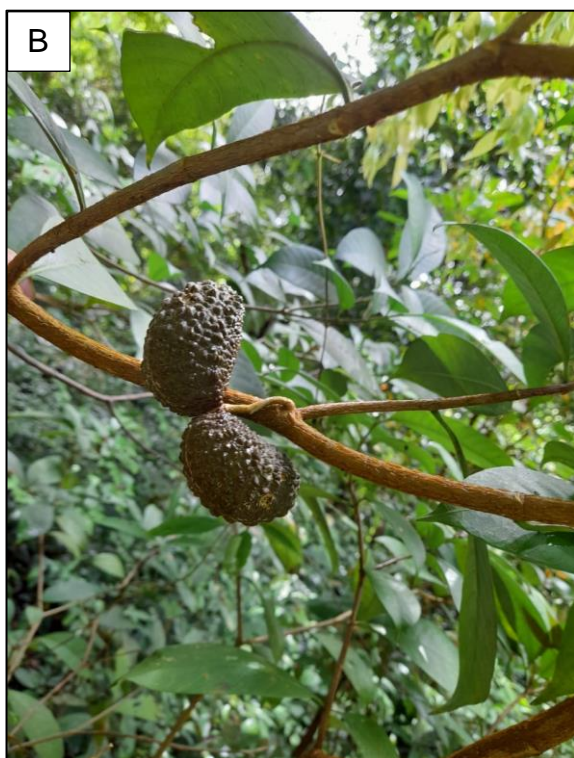
Fonte: Autora (2021).

Uma vez construída a arapuca, se leva para o local que a ave frequenta na floresta e se coloca a comida para ela, o milho, a curueira e o culhão de bode. Se armava a arapuca nesses locais e em questão de minutos ou horas voltavam ao local. Depois traziam para a sua casa e se alimentavam da ave. Sr. Francisco Mendes conta que antigamente, quando saiam para seus roçados, já deixavam a arapuca armada

e, na volta, só iam pegando as aves. Um caçador já chegou a pegar dez aves de uma vez, assim já ficou garantido o almoço e o jantar. Nos tempos atuais, já não se faz esse tipo de caça deixando as aves para viver tranquilas no seu habitat natural.

**Figura 36** - Alimentos colocados para atrair as aves para a arapuca (A) a planta do culhão de bode (*Tabernaemontana hystrix*) (B) fruta do culhão de bode na árvore (C) o fruto do culhão de bode, (D) a curueira, (E) o milho.





Fonte: Autora (2021).

**Figura 37** - Essa ilustração feita por Ádyla Valente representa a transmissão do conhecimento do pai para o filho de como fazer a arapuça. Nela, observamos o filho atento à tecnologia de construção.



Fonte: Ádyla Valente (2022).

## 5.1. DISCUSSÃO

### **Parte 1: Sobre as semelhanças e diferenças entre a panema para os Kumaruara e outros povos da Amazônia**

Em meu trabalho perguntei aos meus interlocutores sobre a panema. Eu decidi primeiro escrever o que eu estava ouvindo dos meus interlocutores e então eu fui ler sobre o que os outros diziam sobre a panema. Leonardo Braga (2021) em seu artigo sobre a panema para os Zo'é, diz que existem diferenças sobre a panema entre um povo e outro. Os Zo'é tem panema na caçada, nas relações conjugais, na pesca, no cultivo e no roçado. Já entre os Kumaruara, a panema é mais comum na vida dos caçadores e pescadores. Pouco falamos de panema na vida conjugal. Um ponto semelhante é quando se fala no sangue. O sangue das mulheres menstruadas é algo prejudicial para ambos os povos. As mulheres não podem estar próximas de caçadores ou pescadores e nem comer suas embiaras pois elas causam panema nos homens. Assim, temos o cuidado de evitar que essas mulheres circulem entre os homens caçadores e pescadores nesses dias.

Os Kumaruara têm as suas regras para evitar a panema e os Zo'é também. Aquela pessoa que está com artralgia e sem disposição, deve-se fazer a escarificação na panturrilha e nos braços por caçadores experientes. Ele deve, então, ficar recluso em sua casa.

Ou seja, somos povos de várias origens com costumes e culturas diferentes e assim seguimos lutando pela nossa valorização e respeito dos saberes ancestrais e tradicionais dos povos indígenas do Brasil.

**Figura 38** - Tive a oportunidade de conhecer uma mulher Zoé, a Tassy, no Encontro da Sociedade de Arqueologia Brasileira Regional Norte em Manaus em 2018, cozinhamos juntas no leite da castanha e trocamos saberes (ainda que não falássemos a mesma língua).



Fonte: Autora (2018)

## **Parte 2: Os banhos e defumações, semelhanças e diferenças entre a panema para os Kumaruara e outros povos da Amazônia**

Tanto os Zoé quanto os Kumaruara têm que cuidar dos seus corpos fazendo banhos e defumações para a limpeza dos seus corpos. Os Zoé usam a entrecasca de Simboy (2021) e os Kumaruara usam as ervas, raízes e outros ingredientes. Assim como os Zoé, os Kumaruara levam seus costumes a sério pois são muito sagrados e respeitados.

## CONCLUSÃO

Este trabalho foi baseado nos relatos de pessoas mais velhas, que viveram nos tempos que eu chamo de “os tempos antigos”. Esse cenário mudou, muitas matas do território estão sendo devoradas pelo fogo, pela ação dos madeireiros. A floresta sofre muitos impactos. Todos os anos há uma grande preocupação para não deixar o fogo entrar na mata. Fazemos parceria com outras comunidades e órgãos para fazer essa prevenção. Tudo isso para proteger nossa mata, nossa floresta e os animais. Esses animais dependem da mata para sua sobrevivência.

Com o passar do tempo, os costumes vão se transformando, se adaptando (adaptando materiais, técnicas), mas o sangue que corre nas veias é o sangue Kumaruara, o mesmo dos nossos ancestrais. Portanto, nós continuamos na luta por reconhecimento e respeito aos povos indígenas. Graças aos novos guerreiros e guerreiras mais antigas que contam suas histórias de vida, nós escrevemos e documentamos nossa história.

A escrita dessa história também se transforma com a arqueologia. Os trabalhos da professora Bruna Cigaran da Rocha e do professor Vinicius Honorato de Oliveira no Médio no Alto Tapajós (Rocha e Oliveira, 2016) mostram a importância dos moradores das comunidades na vida dos pesquisadores. Essa colaboração é muito valiosa pois são os moradores que detêm o conhecimento do seu território. Rocha e Oliveira (2016) mencionam que, ao chegarem nos lugares, foi a conversa que levou os moradores mostrarem onde eles encontravam vestígios de cerâmica. A cerâmica é presente na vida das pessoas.

Na nossa comunidade, eu percebo uma transformação das pessoas da aldeia sobre a arqueologia desde quando iniciamos a conversar sobre esses materiais todos. No caso de Lucas Ramon, por exemplo, o menino colecionador, em uma de nossas buscas por cerâmica no barranco, nós estávamos tão envolvidos que ficamos, sem perceber, todos sujos. Nós percebemos e rimos. Então, ele me olhou e falou a frase “Isso é coisa de arqueólogo, né, Elinalda?” Eu ri e fiquei muito feliz em ver o empenho desse pequeno jovem já com o sonho de cursar arqueologia. Depois das ações de arqueologia, organizadas por alunos e professores, eu percebi que as pessoas tiveram muito mais cuidado e atenção com os vestígios arqueológicos. Hoje,

seus olhos são voltados para o chão, a mãe sagrada, onde sempre habitaram nossos povos e ancestrais. Viva nossa mãe terra!

Sobre a caça e a pesca, neste trabalho, vimos que a caça envolve uma série de preparos e cuidados do caçador que vão além da caça do animal em si. Busquei mostrar como os gestos, os cuidados (como o da mulher grávida) e os rituais (como os próprios banhos) se tornam uma negociação espiritual do caçador com a natureza. Todos esses gestos relacionados à cura, à caça e à pesca trazem elementos de plantas e animais que devem ser pensadas e contextualizadas de um ponto de vista arqueológico. Assim, trago uma reflexão sobre o uso desses materiais perecíveis nos gestos do presente.

Os processos de cura, as defumações, a cultura material envolvida na caça e na pesca são temas ainda muito pouco acessados pela arqueologia por várias razões: 1) porque conhecemos muito pouco sobre as plantas e os animais que foram utilizados para esses fins; 2) quando encontrados no registro arqueológico, a primeira consideração é que são produtos alimentícios, por serem comestíveis e, 3) os elementos materiais que estão presentes, por exemplo, nos rituais são perecíveis e não se preservam no registro arqueológico.

Como vimos ao longo do trabalho, as cinzas de carvão, as plantas, os pós de ossos, as banhas de animais, muitas das armadilhas que nós descrevemos aqui não se conservam fisicamente. Por exemplo, as tapagens, depois de usadas, eram queimadas na beira do lago ou abandonadas e se decompunham na água. Ou o timbó, que foi tão importante para os povos indígenas no passado (e ainda é no presente como mostra Aparicio (2016), mas dificilmente poderia ser encontrado no sítio arqueológico. Como saber a função de cada planta ou de cada animal se nós não documentamos os usos que os povos fazem dessas espécies no presente? Ou seja, ainda que os materiais perecíveis não se preservem fisicamente, esses conhecimentos e gestos se preservam na memória do nosso povo, então, reconstituir os gestos e a cultura material envolvidas deles nos permite refletir como a memória se faz presente no hoje.

Deixo aqui um pouco da minha experiência como aluna indígena de arqueologia. Quero dizer que não foi fácil de chegar até o fim. Se não tivesse parceiros

comprometidos com as causas indígenas, não teria conseguido. Sempre falo que fui abençoada por entrar no curso de Arqueologia. Todos os professores do curso foram pessoas de muito respeito conosco e, cada semestre, minha admiração aumentava. Gratidão professores. A Arqueologia sempre esteve presente entre nós, mas o conhecimento maior surgiu quando passei a estudar e entendo que não seremos ninguém se não fizermos os trabalhos de maneira coletiva, sempre unidos. Essa trajetória na universidade foi de muitos desafios, lutas, reivindicações por nossos direitos. Foi só graças às ocupações e lutas que conseguimos manter nossos direitos.

Quero deixar uma pequena mensagem a quem tiver chego até aqui na conclusão: Nunca desistam de seus sonhos, nunca desanimem quando surgir a pressão, o preconceito, o racismo, procurem lutar de forma justa por seus direitos. Nossas lutas, nossos direitos, nossas conquistas, nossas vitórias sempre virão porque somos povos originários.

CORTARAM NOSSOS GALHOS

CORTARAM NOSSOS TRONCOS

MAS NOSSAS RAÍZES PERMANECEM

VIVA PARA SEMPRE

IREMOS ECOAR NOSSOS CANTOS

NOSSOS GRITOS AO MUNDO PARA DIZER

QUE ESTAREMOS RESISTINDO

E SEMPRE EIREMOS EXISTIR

SURARAAAAA

JUNTOS SOMOS MAIS FORTES

YEPEWAÇU YANDÉ KIRIMBAWA

Kwe katureté (*Muito obrigada*)

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.B.; LIMA, E.C.; AQUINO, T.V.; IGLESIAS, M.P. **Caçar**. In: Carneiro da Cunha, M.; Almeida, M. *Enciclopédia da Floresta: o Alto Juruá. Práticas e Conhecimentos das Populações*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, pp. 311-335. 2002

APARICIO, M. **A planta da raiva. Timbó e envenenamento nos Suruwaha dos Purus**. In: Labate, B. C. e Goulart, S.L. (eds) *O uso de plantas psicoativas nas Américas*. Rio de Janeiro: Gramma editora, pp. 107-124. 2019.

BRAGA, L. V.. **Panem**. Sobre seu viés de gênero entre os Zo'é. *Mana*, 27 (2): 1-30. 2021

FIGUEIREDO, R. A. A., Barros, F. B.. " **A Comida que vem da mata**": conhecimentos tradicionais e práticas culturais de caçadores na Reserva Extrativista Ipaú-Anilzinho. *Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, 25(2), 193-212. 2015

MUNDURUKU, J. B. **Caminhos para o passado**: Oca'õ, Agökabuk e cultura material Munduruku. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Oeste do Para. 2019

ROCHA, B. C. da; HONORATO, Vinicius Torres.. Floresta virgem? O longo passado humano da bacia do Tapajós. In: Alarcon, Daniela Fernandes; Brent Millikan, Brent; Torres, Mauricio (Org). *Ocekadi: Hidrelétricas, conflitos socioambientais e resistência na Bacia do Tapajós*. Brasília, DF : International Rivers Brasil. 2016

RODRIGUES, I. M. M. **Por uma etnoarqueologia dos trançados ameríndios**. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, (34): 87-110. 2020

## GLOSSÁRIO

*Embiaras*: caças ou animais

Terreiro: quintal

*Coió*: cuia

Caco: pedaço de vasilhame de cerâmica

*Boroca*: bolsa que ele carrega dos cartuxos, pode ser de pano, de plástico, de cestaria.

*Embiara*: animal da caça

*Kariuas*: brancos

*Putáua*: presente em forma de comida que se leva para as pessoas

## ANEXO

**Publicação como coautora de artigo científico na revista de arqueologia da SAB**

Durante o período da pesquisa, redigi uma seção em um artigo elaborado junto a colegas sobre as tecnologias perecíveis e a Arqueologia. Nesta seção abordei principalmente os produtos de origem de animal utilizados na cura e a importância desses materiais no registro arqueológico.

## Referência:

Francini Medeiros da Silva, Myrtle Pearl Shock, Gabriela Prestes Carneiro, Lucas Antonio da Silva, Elinalda Gama da Silva, Eros Hian dos Santos Costa, Anne Rapp Py-Daniel, Jennifer Watling. 2021. Flautas, banhas e caxiris: os gestos e os materiais perecíveis do passado resgatados no presente. Revista da Sociedade Arqueologia Brasileira 34 (3): 255-282.

Submissão: 30/04/2021  
Aprovação: 07/06/2021  
Publicação: 30/09/2021

## REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 34 No. 3 Setembro – Dezembro 2021  
Edição Especial: Tecnologias Perecíveis

## FLAUTAS, BANHAS E CAXIRIS: OS GESTOS E OS MATERIAIS PERECÍVEIS DO PASSADO RESGATADOS NO PRESENTE

Francini Medeiros da Silva\*, Myrtle Pearl Shock\*\*, Gabriela Prestes Carneiro\*\*\*, Lucas Antonio da Silva\*\*\*\*, Elinalda Gama da Silva\*\*\*\*, Eros Hian dos Santos Costa\*\*\*\*\*, Anne Rapp Py-Daniel\*\*\*\*\*, Jennifer Watling\*\*\*\*\*

## RESUMO

Quando pensamos em cenas cotidianas, como o preparo de alimentos, a construção de habitações, a caça e a pesca, o preparo de contextos funerários, há uma grande quantidade de materiais que não se preservam no registro arqueológico. Alguns exemplos são: palhas, têxteis, gorduras, banhas, couros, insetos, resinas, entre outros. Esses elementos estão na “cena”, mas são esquecidos, uma vez que não são encontrados. Pesquisas que buscam pensar na reconstituição dos espaços, dos materiais, dos gestos no presente, têm nos ajudado a pensar, de uma maneira holística, sobre as tecnologias, seus materiais e vestígios. Partindo de um olhar atento para os gestos utilizados na atualidade e para tecnologias conhecidas etnograficamente em ornamentos, tratamento de carnes, gestos culinários, artefatos em osso, entre outros, procuramos explorar o potencial para estudos de tecnologias perecíveis buscando relações com vestígios encontrados em contextos arqueológicos brasileiros. Sabendo que as tecnologias perecíveis foram utilizadas no passado, nós, enquanto arqueóloga/e/os, devemos refletir sobre métodos de coleta, análise e interpretação dos vestígios que permitiriam uma visão mais holística e cultural das interações entre plantas, animais e humanos no passado.

Palavras-chave: tecnologias perecíveis; zooarqueologia; paleoetnobotânica.